

Investigando narrativas de (e sobre) pessoas trans na internet: produção da vida no currículo escolar

Investigating narratives of (and about) trans people on the internet: production of life in the school curriculum

Sareh Almeida da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro
sarehalmeida@gmail.com

Marcia Serra Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro
marciaserraferreira@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, investigamos o modo como as vivências trans se constituem historicamente nas escolas brasileiras a partir de vídeos na internet, especificamente na rede social Youtube, por meio de uma *abordagem discursiva*, no diálogo com Michel Foucault e seus interlocutores no campo do Currículo. Utilizando o descritor 'trans escola', produzimos um arquivo de pesquisa com 82 vídeos. Analisando títulos, canais e datas, buscamos compreender como se relacionam enunciados (títulos), interlocutores (canais) e tempos (datas) em uma rede de discursos que produz os sujeitos trans escolares. Percebemos nessa rede uma série de 'estratégias' sendo utilizadas para abordar as vidas trans na escola; é nela que os sujeitos se movimentam e se subjetivam em meio a jogos de poder e saber. Em meio às formas de violência, a crescente existência desses vídeos nos mostra formas de resistência e rotas de fuga que percebem a escola e os currículos como produtores da vida.

Palavras chave: currículo, gênero, narrativas trans, subjetivação, internet.

Abstract

In this work, we investigate how trans experiences are historically constituted in Brazilian schools from videos on the internet, specifically on the social network Youtube, through a discursive approach, in dialogue with Michel Foucault and his interlocutors in the field of the Curriculum. Using the descriptor 'trans-school', we produced a research file with 82 videos. Analyzing titles, channels and dates, we seek to understand how utterances (titles), interlocutors (channels) and times (dates) are related in a network of discourses produced by trans-school subjects. We noticed in this network a series of 'strategies' being used to address trans lives at school; it is in it that the subjects move and subjectify themselves in the midst of games of power and knowledge. In the midst of forms of violence, the growing existence of these videos shows us forms of resistance and escape routes that perceive the school and the curriculum as producers of life.

Keywords: curriculum, gender, trans narratives, subjectivation, internet.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de Biologia a partir da investigação de narrativas de pessoas trans sobre escolas brasileiras postadas na internet. Ele é o resultado de uma análise exploratória de dados mais amplos em uma pesquisa de Mestrado que se desenvolve no *Grupo de Estudos em História do Currículo*, no âmbito do Núcleo de Estudos de Currículo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NEC/UFRJ). Interessa-nos, especificamente, analisar o modo como as vivências trans nas escolas se constituem historicamente, com efeitos na produção dos conhecimentos que constituem os currículos de Biologia, assim como na subjetivação e regulação dos sujeitos trans escolares.

Esse nosso interesse parte de observações do cotidiano escolar, realizadas durante o Estágio Supervisionado em uma escola pública da rede municipal do Rio de Janeiro, e que se referem a estigmatização das trajetórias escolares de pessoas trans. Ao longo da graduação, foi possível presenciar tensões e resistências nas relações de uma estudante trans com o corpo docente e discente. As reivindicações dessa estudante quanto ao seu lugar na fila, ao uso de banheiro e de seu nome social deslocavam determinadas normas sociais, tensionando as relações que se estabeleciam no cotidiano escolar. Catarina de Cássia Moreira (2020, p. 76), ao investigar as políticas de currículo nas regiões Norte e Nordeste do país voltadas para o acesso e permanência de pessoas transgêneras no ensino superior, buscou problematizar questões semelhantes, indicando-nos o quanto “as demandas e necessidades da população trans têm sido direcionadas, em sua maioria, às pessoas que se enquadram no padrão homem e mulher, com poucas políticas atendendo as demandas do público trans intergênero e/ou não-binário”. Ainda assim, Elizabeth Macedo (2017) nos alerta o quanto a formação educacional pode gerar deslocamentos naquilo que viemos significando como ‘norma’ ao assumir questões que partem de demandas estudantis e irrompem o cotidiano, entendendo a escola como terreno de encontros, afetos e conflitos.

Interessadas nos modos de subjetivação que produzem esses sujeitos e tendo como perspectiva a escolarização e o currículo como constituintes de processos de regulação social (POPKEWITZ, 2001), analisamos aqui o campo discursivo de narrativas de pessoas trans que são atravessadas por gênero, raça e outros marcadores sociais em vídeos na rede social Youtube. Assumimos que tais narrativas foram produzidas em meio às tentativas de estigmatização desses corpos escolares quando, na pretensão de manter certas ‘normas’, são desprezadas e/ou ignoradas as reivindicações de ser, estar e viver a/na escola, o que torna esse terreno hostil e violento. Sobre essa temática, Judith Butler (2014) afirma o seguinte:

A regulação é aquilo que constrói regularidades, mas é também, seguindo Foucault, um modo de disciplina e vigilância das formas modernas de poder; ela não simplesmente constrange e nega e, portanto, não é meramente uma forma jurídica de poder. Na medida em que as regulações operam através de normas, elas se tornam momentos chave nos quais a idealidade da norma é reconstituída, e sua historicidade e vulnerabilidade são temporariamente excluídas. [...] Assim, regulações que procuram meramente proibir certas atividades específicas [...] exercem outras atividades que, na sua maior parte, permanece despercebida: a produção de parâmetros de pessoas, isto é, a construção de pessoas de acordo com normas abstratas que ao mesmo tempo condicionam e excedem as vidas que fabricam – e quebram (BUTLER, 2014, p. 271-272).

Nossa opção por tomar as postagens na internet como fonte de estudo refere-se ao fato de que este é um espaço onde a juventude está muito presente, sendo um território atualmente marcado pela vigorosa construção de narrativas, principalmente por meio das redes sociais. Além disso, o intenso crescimento e aumento do uso das novas tecnologias de informação são nomeados por alguns autores como um “novo estado da cultura”, o qual é “caracterizado sobretudo por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos” (FISCHER, 1997, p. 62). É nesse contexto que Shirley Sales (2010, p. 16) enfatiza que “é como se a cultura juvenil, de modo geral, fosse caracterizada pela sua relação com a tecnologia e o mundo cibernético”.

Para investigá-las, adotamos uma *abordagem discursiva* que, em diálogo com Michel Foucault (1998, 2004, 2010a), assume a História do Currículo como História do Presente (FERREIRA, 2013, 2015 e 2022; FERREIRA & SANTOS, 2017). Em tal perspectiva, vimos percebendo a descontinuidade não como “uma característica dos acontecimentos a ser combatida”, mas como parte daquilo que produz o nosso objeto e valida a nossa análise (FERREIRA, 2013, p. 82). Isso tem significado operar invertendo a relação entre passado, presente e futuro, aceitando a proposta foucaultiana de partir “de questões emergentes nos termos correntes de hoje” para tentar uma genealogia (FOUCAULT, 1998, p. 262). Afinal, para Foucault (1998, p. 262), a genealogia significa iniciar a análise “a partir de uma questão disposta no presente”. Essa ferramenta teórica se mostra potente, portanto, para acessar as questões levantadas, no presente, pelas vidas dissidentes que produzem os currículos escolares e são produzidas por eles.

Nosso arquivo de pesquisa foi produzido a partir de um levantamento de vídeos na Plataforma Youtube com o descritor ‘trans escola’. Foram encontrados oitenta e dois (82) vídeos que abordam o tema de pessoas transsexuais ou transgêneros associados à escola. Entendemos que estas produções discursivas, por estarem localizadas em um ambiente de compartilhamento audiovisual de ideias que permite a adição de comentários escritos e a construção de discussões sobre o que se está anunciado nos vídeos, inscrevem nessas relações aparatos regulatórios que conduzem certos tipos de condutas sobre modos coletivos de ser trans na escola.

Escolher e selecionar o que seria analisado inicialmente não foi uma tarefa simples. Ao realizarmos a busca, o resultado obtido na Plataforma Youtube trouxe uma riqueza de elementos a serem observados, tais como os nomes dos canais, o título e o conteúdo de cada um dos vídeos, as datas de publicações, além dos marcadores sociais dos sujeitos falantes, tais como a idade, o gênero, o grupo étnico-racial pertencente, o local geográfico e/ou os indicadores de classe (quando há a indicação se a escola em questão é pública ou privada, em qual bairro se localiza etc.). Assim, no movimento de agrupar os vídeos em uma playlist personalizada, ferramenta disponibilizada pela Plataforma, pudemos observá-los com mais cuidado e visualizar algumas ‘pistas’ (enunciados) que pudessem auxiliar na mobilização teórica que buscamos fazer.

Fazemos aqui um movimento inspirado na análise discursiva de Michel Foucault no qual os discursos dos (e sobre os) sujeitos trans na escola “dão lugar a certas organizações de conceitos, a certos reagrupamentos de objetos, a certos tipos de enunciação, que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias” (FOUCAULT, 2008, p. 71). Esses temas são chamados pelo autor de forma convencional como “estratégias”. São elas, portanto, que buscamos produzir a partir de certas operações com as unidades presentes nesses discursos, construindo apontamentos e direções nesta fase exploratória da pesquisa. É nessa direção, portanto, que os títulos, os canais de envio e as datas de publicação se tornaram elementos importantes nesta análise, com vistas a compreender como se relacionam enunciados (títulos), interlocutores (canais) e tempos (datas) nessa rede de discursos sobre a constituição dos sujeitos trans escolares na internet e, mais especificamente, na Plataforma Youtube.

Mapeando o cenário empírico

Sem estabelecer uma ordem ‘natural’ de importância para os canais nos quais os vídeos estão publicados, percebemos três tipos¹ encontrados no levantamento: (1º) canais de cunho pessoal, que podem ser apresentados ou não como um vlog, mas que têm por objetivos, entre outros, falar sobre si e o que mais for interessante; (2º) canais de mídias de comunicação, que podem ser páginas de entretenimento e/ou jornalismo; (3º) canais de educação, podendo ser de instituições de ensino, tais como escolas, cursos preparatórios ou universidades, ou apenas páginas cujo tema principal de debate é a educação. A partir desses três tipos de canais, é possível observar também os diferentes sujeitos falantes: (a) aqueles que falam de si; (b) os que falam do ‘outro’ a partir de uma pretensa posição de ‘neutralidade’ ou dentro de um tema específico; (c) aqueles que permitem a fala do ‘outro’ a partir de um roteiro prévio.

Caminhando entre os títulos², notamos a frequência destes versando sobre “como é ser trans na escola”, “como é ser trans na escola pública” ou “como era ser trans na época da

¹ Alguns exemplos desses tipos de canais encontrados:

(1º) Cunho pessoal: “De frente com a Maia”; “Thifany Close”; “A vida de Helena”; “Dani Pahl”; “Kauã Rafael”

(2º) Mídias de comunicação: “Jovem Pan Maringá”; “Band Jornalismo”; “CNN Brasil”; “Visões de Periferia”; “Papo Flow”

(3º) Educativos: “Revista Educação”; “CAP-UERJ/NEPE”; “Educação Sergipe”; “Descomplica”; “Território Escolar”

² Disponíveis em:

- “Como é ser trans na escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=iOJXR3U-mEs&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=5&t=8s>
- “Como é ser trans na escola pública”: <https://www.youtube.com/watch?v=Kgo7a4NoltE&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=23>
- “Como era ser trans na época da escola”: https://www.youtube.com/watch?v=Vz1qmC_O3K4&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=7&t=1s
- “Lidando com a transfobia na escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=Afm8b1Bb01M&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=40&t=3s>
- “Transfobia afasta crianças da escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=IybndllIgvE&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=20>
- “Menina trans é agredida dentro da sala de aula”: <https://www.youtube.com/watch?v=QqFrwAA59oM&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=25>
- “[alunos trans] Se sentindo isolado por ser trans, Theo não conseguiu voltar à escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=aGIBZuVa2UM&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlIDz2HzNdhAv&index=73>

escola”, entre outros semelhantes. Outros títulos de menor frequência se referem, por exemplo, à violência relacionada aos estudantes trans, como em “lidando com a transfobia na escola”, “transfobia afasta crianças da escola” ou “menina trans é agredida dentro da sala de aula”. Estes nos informam acerca de como essa violência afeta a permanência desses corpos na escola, como nos títulos “[alunos trans] se sentindo isolado por ser trans, Theo não conseguiu voltar à escola” e “trans expulsa da escola”. Além disso, há vídeos que falam sobre a visibilidade trans por meio de títulos como “visibilidade trans na escola”, “visibilidade trans na educação” e “a escola é nossa - gênero e sexualidade”. Por fim, são abordadas também a relação profissional de pessoas trans com a escola por meio de títulos que versam sobre “mulher trans também tem profissão: professora”, “justiça determina readmissão de professora transexual” e “diretora trans comanda escola em SP”. Esses foram os principais temas encontrados na análise dos títulos.

Observando o momento em que os materiais foram publicados, encontramos um (01) único vídeo datado de 2014, sendo este o mais antigo, assim como apenas um (01) vídeo datado de 2015 e outro (01) de 2016. A partir do ano de 2017, os números de publicações nessa temática vieram aumentando, tendo cinco (05) neste ano, seis (06) no ano de 2018, sete (07) no ano de 2019, treze (13) no ano de 2020, dezenove (19) no ano de 2021 e, por fim, vinte e nove (29) vídeos (01) até então publicados neste ano de 2022. O aumento de publicações ao longo dos últimos anos pode indicar um reflexo da contingência de debates nesse campo, que também vem aumentando, mas isso não significa que esta é uma questão inédita ou recente, pois as pessoas que narram esses vídeos contam as histórias na forma de ‘memórias’, assumindo que já eram pessoas trans em épocas escolares em um tempo passado, distante ou recente.

Estabelecendo uma primeira relação entre enunciados (títulos) e interlocutores (canais), o tema “ser trans na escola” compôs a maior parte dos vídeos encontrados na busca, estando localizado, majoritariamente, em canais aqui caracterizados como sendo pessoais. São produções narradas, principalmente, na primeira pessoa por sujeitos que estavam/estão ainda em fase escolar na data de publicação do material, ou por meio de memórias dessas vivências quando em período escolar, o que aponta a produção de discursos sobre um modo ou modos de ser trans na escola com marcadores de tempo e lugar. Aqui vemos que há um movimento de

-
- “Trans expulsa da escola”: https://www.youtube.com/watch?v=OzAJAAI3_c0&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=56&t=5s
 - “Visibilidade trans na escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=rwvjx7qzcDk&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=29&t=3s>
 - “Visibilidade trans na educação”: <https://www.youtube.com/watch?v=N1qSgkhBVBA&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=54&t=68s>
 - “A escola é nossa - gênero e sexualidade”: <https://www.youtube.com/watch?v=QqWbB-U8xPY&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=74&t=3s>
 - “Justiça determina readmissão de professora transexual”: <https://www.youtube.com/watch?v=ZnapQsD4RnQ&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=72>
 - “Diretora trans comanda escola em SP”: <https://www.youtube.com/watch?v=13YcBKfGdgc&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv&index=77>

constituição ética desses sujeitos por meio das ‘tecnologias de si’ em meio aos jogos de saber e poder. Essas ‘tecnologias de si’ são definidas por Michel Foucault como aquelas que:

(...) permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (FOUCAULT, 2004, p. 323-324)

Em relação aos canais de mídias de comunicação, foram encontrados vídeos publicados abordando, em linhas gerais, quatro principais assuntos: (1º) reportagens sobre violências que envolvem alunos trans nas escolas em diferentes aspectos; (2º) entrevistas com pessoas trans que falam sobre suas experiências escolares a partir de um tema específico como, por exemplo, a transfobia ou o acesso ao esporte na escola; (3º) matérias com profissionais transgêneros que atuam na carreira docente; (4º) reportagens que abordam as políticas voltadas para as questões de gênero na escola. Quanto aos vídeos publicados via canais de educação, foram encontrados neste grupamento todos os materiais que abordam a temática visibilidade trans na escola descobertos na busca. Não só estes, mas também temáticas que abordam os desafios da comunidade trans na escola, tais como o uso do nome social e a reivindicação da escola sendo de todes quanto às questões de gênero e sexualidade. Os títulos indicavam encontros educacionais, sendo universitários ou não, e também conversas que envolviam a comunidade escolar. Apesar de este ter sido o grupo de canais com menor quantidade de publicação de vídeos em relação aos demais – os canais de educação –, esta análise inicial apontou que debates importantes estão ocorrendo no seio educacional a respeito da temática.

Entre os canais de educação, os canais pessoais e de mídia de comunicação, há um assunto em comum sendo levantado e que nos chamou a atenção: o uso do nome social. Foram encontrados os títulos³ “como pedir o nome social na escola, universidade e justiça” e “como solicitar o uso do nome social na escola!” em canais de cunho pessoal; o título “nome social na escola” em um canal de educação; o título “cresce 300% o uso de nome social nas escolas públicas na última década” em um canal de mídia de comunicação. A forma que os títulos são descritos para abordar um mesmo tema nos sugere diferentes “estratégias” discursivas no interior de uma temática comum. Em particular, o último título me conduziu para uma nova pergunta nessa investigação: que relações podem ser estabelecidas entre o aumento da

³ Disponíveis em:

- “Como pedir o nome social na escola, universidade e justiça”: <https://www.youtube.com/watch?v=10GPxRcD8Zs&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlI Dz2HzNdhAv&index=79&t=2s>
- “Como solicitar o uso do nome social na escola!”: <https://www.youtube.com/watch?v=PqQkUjJozlc&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlI Dz2HzNdhAv&index=38&t=12s>
- “Nome social na escola”: <https://www.youtube.com/watch?v=NxvWhvIkjU&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlI Dz2HzNdhAv&index=71&t=6s>
- “Cresce 300% o uso de nome social nas escolas públicas na última década”: <https://www.youtube.com/watch?v=hSGCiqizNtk&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynlI Dz2HzNdhAv&index=21&t=3s>

publicação de vídeos de cunho pessoal, que enunciam modos de ser trans na escola, e as políticas voltadas para o uso do nome social nos tempos recentes? Afinal, os vídeos cujos canais são de cunho pessoal e as experiências escolares são narradas em primeira pessoa são mais recentes. Para evidenciar essa questão, destacamos, por exemplo, que dos vinte e nove (29) vídeos publicados em 2022, quinze (15) são narrativos de canais de pessoas trans.

Discursos da comunidade transgênera no âmbito da Educação

A discussão sobre gênero e sexualidade na escola vem gerando cada vez mais tensionamentos sociais, com efeitos nas ‘verdades’ no campo educacional. Afinal, os sentidos atribuídos à essas categorias – quais sejam, gênero e sexualidade – se inserem em ‘regimes de verdade’ em meio aos quais certos sentidos se hegemonomizam e são legitimados socialmente em detrimento de outros sentidos que perdem força nas formas de ver e pensar o mundo em que vivemos. Assumimos que isso ocorre porque esses ‘regimes de verdade’ são para Foucault (2010a, p. 77), “aquilo que constrange os indivíduos a um certo número de verdades [...] e que [...] estabelece para esses atos condições, efetuações e efeitos específicos”.

Em Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016, realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), 60,2% dos estudantes pertencentes ao grupo LGBT afirmam não se sentirem seguros na escola devido a sua orientação sexual, enquanto 42,8% destes sentem esta insegurança em função da maneira pela qual expressam o seu gênero (ABGLT, 2016, p. 27). Esses dados são importantes porque nos auxiliam a compreender como os discursos operados sobre os corpos transgêneros escolares produzem padrões e normas que produzem quem somos e o que devemos (ou não) aprender.

Thomas Popkewitz (2012a) nos ajuda a refletir sobre esse conjunto de dados e o modo como a existência dos mesmos é produtora e, simultaneamente, efeito dos ‘regimes de verdade’. Esse autor destaca que, a partir do discurso que busca promover uma sociedade mais justa e igualitária, sob os ideais iluministas, há um sistema de pensamento que “reconhece os tipos de humanos para a inclusão inscreve[ndo] diferenças através do que não é” (POPKEWITZ, 2012, p. 12, *tradução livre*). É dessa forma que os discursos sobre gênero (e também sobre sexualidade) produzem os corpos dos sujeitos escolares por meio de práticas de significação que participam da constituição e o estabelecimento de limites, fronteiras e possibilidades de certos corpos existirem socialmente (SOUSA, 2021, p. 38). Sobre essa questão, Maya Sousa (2021, p. 38) nos informa que:

Os discursos circulantes e que entram no verdadeiro produzem as normas de gênero e sexualidade, ao passo que constroem também à exterioridade dessa norma, pois toda experiência normativa produz sua exterioridade mantedora. Ou seja, é assim que se produzem aqueles corpos abjetos e que são passíveis de opressão, devido ao não cumprimento do que é tomado como certo e verdadeiro em uma determinada sociedade. É nesse processo que os corpos se tornam sujeitos, produzindo uma identidade normativa e outra exterior.

Retomando o título do vídeo “cresce 300% o uso de nome social nas escolas públicas na última década”, disponibilizado em um canal de mídia de comunicação e que nos informa sobre o aumento do uso de nome social, refletimos sobre os efeitos de duas resoluções públicas voltadas para a comunidade LGBT no campo educacional nos últimos anos. Afinal, em 2015 foram estabelecidos parâmetros que visam a garantir o acesso e a permanência de pessoas travestis e transexuais em instituições de ensino (Resolução nº12/2015. Conselho Nacional de

Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais – CNC/LGBT) e em 2018 foi estabelecida a Resolução nº1/2018, que define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares. Ambos os documentos nos indicam que a produção de sujeitos a partir de determinados padrões e condutas normativas não se dá sem luta e resistência em torno de outras significações possíveis, com a produção de efeitos outros para além do discurso hegemônico, em um processo que alarga, desloca e produz, pouco a pouco, os espaços em que há liberdade de ação sobre as ações dos grupos dominantes.

Nessas brechas, que em comparação com o tamanho da luta e do nosso desejo de (trans)formação nos parecem tão pequenas, quase imperceptíveis ou aparentemente invisíveis, vão criando espaços outros de existência dos corpos trans, o que inclui a escola. Assim, ainda que habitemos um meio social no qual a política sobre corpos travestis, transgêneros e transexuais é a de morte, existem processos de fabricação da vida. É em meio a estes jogos de saber e poder que percebemos um “conjunto de relações reversíveis”⁴ constituindo uma ética dos sujeitos, uma ética que é pensada “pela provocação incessante e pela tensão inacabada entre querer e liberdade” (CANDIOTTO, 2011, p. 105), em um processo constante que movimenta, desloca, tensiona e/ou reforça um conjunto de padrões e normas socialmente aceitas.

Elementos para pensar a pesquisa no Ensino de Ciências

A partir das observações realizadas nesta primeira análise dos vídeos que compõem o nosso arquivo de pesquisa, percebemos uma rede de discursos na qual há mais de uma “estratégia” sendo utilizada para abordar as vidas trans na escola. É nessa rede discursiva que os sujeitos da escola se movimentam e subjetivam em meio às relações de poder que produzem dispositivos regulatórios na (e para a) constituição dos sujeitos transgêneros escolares. Este poder é exercido de forma relacional, uma vez que “coloca em jogo relações entre indivíduos (ou grupos)” por meio de “um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras” (FOUCAULT, 1984, p. 240), produzem efeitos nos sujeitos escolares e na construção curricular. São relações que inscrevem lutas pela significação do real, que não são simplesmente ‘danosas’, ou seja, negativas, externas, centralizadas, homogêneas, repressivas e proibitivas; como Jaehn & Ferreira (2012) apresentam, no diálogo com Popkewitz (2008), são também ‘benéficas’, ou seja, positivas, internas, dispersas, heterogêneas, produtivas e provocativas. Ao assumir uma noção de poder produtivo, a pesquisa no Ensino de Ciências pode se beneficiar em muito na construção de ‘novos’ objetos de pesquisa, que ‘desnaturalizem’ os currículos do ensino e da formação de professores ao pensar como vieram se constituindo, historicamente, os conhecimentos validados para ocupar tempo e espaço nas disciplinas ligadas aos campos científicos, assim como os sujeitos ‘capazes’ (ou ‘incapazes’) de ensiná-las e aprendê-las.

Com essa noção de poder foucaultiana, assumimos que a presença de diferentes discursos sobre os sujeitos trans escolares – indicadas com a participação de diferentes sujeitos, tais como mídias de comunicação, a escola e os próprios sujeitos transgêneros, reivindicando modos de existência na escola outros que não o da exclusão e violência – demonstram condutas que consistem em técnicas de governamentalidade sobre esses corpos e sobre o que se produz a respeito deles. Para Thomas Lemke (2002), essa noção de governamentalidade:

⁴ Análise da governamentalidade segundo Foucault como “uma análise do poder como um conjunto de relações reversíveis” (CANDIOTTO, 2011, p. 105)

(...) proporciona uma visão sobre o poder para além de uma perspectiva centrada no consenso ou na violência; estabelece o vínculo entre técnicas de si com as tecnologias de dominação, a constituição do sujeito para a formação do Estado; finalmente, ela ajuda a diferenciar entre poder e dominação (LEMKE, 2002, p. 49-64).

Argumentamos, portanto, que essa análise discursiva sobre a constituição de sujeitos trans escolares, na perspectiva da História do Currículo aqui adotada, contribui para a construção de outras narrativas, em um movimento contra hegemônico. Compreendemos que as políticas de narratividade presentes nos vídeos analisados nos “ajudam a atualizar a necessidade real que temos de criar condições de vida” (RAYARA, 2019, p. 6) para além do discurso hegemônico que produz violência e morte sobre nossos corpos. Elas produzem efeitos na ordem política dessas relações, incluindo aqueles da ordem material, como as Resoluções já anteriormente citadas (Resolução nº12/2015 e Resolução nº1/2018). A crescente existência de vídeos produzidos por sujeitos transgêneros que narram seus modos de ser trans na escola nos mostra que, para além da violência acometida, há outros tipos de conduta que produzem formas de resistência e rotas de fuga que percebem a escola e os currículos possibilitando não só a sobrevivência em meio à violência e morte, mas como produtores da vida. Defendemos, mais uma vez, que a pesquisa no Ensino de Ciências pode contribuir para esse processo ao estreitar a conversa com Michel Foucault e com os curriculistas que com ele dialogam.

Agradecimentos e apoios

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências Bibliográficas

ABGLT. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016**: As experiências de adolescente e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: UFPR, 2016.

BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**. N.42. p. 249-274. Jan-Jun 2014.

CANDIOTTO, C. A governamentalidade em Foucault: da analítica do poder à ética da subjetivação. **O que nos faz pensar**, nº31. dezembro de 2011.

FERREIRA, M. S. História do currículo e das disciplinas: apontamentos de pesquisa. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (org.). **Currículo, conhecimento e avaliação**: divergências e tensões. Curitiba: CRV, 2013, p. 75-88.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: Leite, M. S.; Gabriel, C. T. (org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis/Rio de Janeiro: DePetrus/FAPERJ, 2015, p. 265-284.

FERREIRA, M. S. Curriculum History as History of the Present: between the alchemy of knowledge and the fabrication of subjects. In: Weili Zhao; Thomas S. Popkewitz; Tero Autio. (Org.). **Epistemic Colonialism and the Transfer of Curriculum Knowledge across Borders**: applying a historical lens to contest unilateral logics. 1ed. New York: Routledge, 2022, p. 118-

133.

FERREIRA, M. S.; SANTOS, A. V. F. Discursos curriculares no/do tempo presente: subsídios para uma articulação entre a História e as Políticas de Currículo. In: LOPES, A. C.; OLIVEIRA, M. B. (org.). **Políticas de Currículo: pesquisas e articulações discursivas**. Curitiba: CRV, 2017, p. 55-78.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80. jul./dez. 1997.

FOUCAULT, M. The use of pleasure: the history of sexuality. London: Peregrine, 1985. v. 2. [FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.]

FOUCAULT, M. Tecnologias de si, 1982. **VERVE: Revista Semestral do NU-SOUL - Núcleo de Sociabilidade Literária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais**. Tradução de Andre Degenszajn. N.6, p. 321-360, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. Do governo dos vivos. **Curso no Collège de France, 1979-1980** (excertos). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

JAEHN, L.; FERREIRA, M. Perspectivas para uma história do currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 256-272, Set/Dez 2012.

LEMKE, T. Foucault, Governmentality and Critique, **Rethinking Marxism**, n. 14, 2002 (3), p. 49-64.

MACEDO, E. Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 3, p. 539-54, set./ dez. 2017.

MOREIRA, C. C. Mares, currículos e criaturas marítimas: Investigando políticas de acesso e permanência de pessoas transgêneras no ensino superior brasileiro. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2020.

POPKEWITZ, T. S. **Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda., 2001.

POPKEWITZ, T. The sociology of education as the history of the presente: fabrication, difference and abjection. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**. v. 34, n. 3, p. 1-18, 2012.

POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: T. T. Silva (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 173-210, 2008.

RAYARA, M. Precárias experiências em dissidências: crianças que não cabem em si. **Proposições**. Campinas, SP. V. 30. e20180076. 2019.

SALES, S. Juventude Monstruosa: subjetividade e sexualidade no currículo do Orkut. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, pp.148-157, Jul/Dez 2007.

SOUSA, M. E. História do Currículo: analisando discursos acadêmicos de (e sobre) gênero e sexualidade na escola (2005-2018). **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Prog. de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2021.